

## EM MEMÓRIA DO CHEFE GAFANHOTO: HOMENAGEM A AUGUSTO ÓPÊ DA SILVA

MARÍLIA SENE DE LOURENÇO<sup>1</sup>

*UFRJ*

---

De manhã, o tigre abriu uma clareira para iniciar seu plantio. À tarde, o macaco, com o mesmo plano, se dirigiu ao local:

-Deus deve estar me ajudando, o mato já está derrubado.

E roçou. Na manhã seguinte, o tigre chegou:

-Deus deve estar me ajudando, a terra já está roçada.

E ateou fogo. De casa, o macaco viu o fogaréu e comentou com sua esposa:

-Olha como Deus tem me ajudado!

E descansou. Na manhã seguinte, se deparou com o tigre plantando sementes:

- Bom dia, compadre macaco. Que fazes por essas bandas?

- Vim cuidar da minha roça.

- Mas aqui é minha roça, compadre.

- Deve haver algum engano, trabalho aqui todas as tardes.

- E eu, todas as manhãs. Só tem um jeito de resolver isso: vamos marcar uma luta. Convida teus companheiros, eu os meus. Amanhã à tarde, nos encontramos aqui. O vencedor fica com a colheita.

O macaco chegou em casa desanimado. Sentou-se em volta do fogo com sua esposa, que indagou o que havia acontecido. Ele confessou que só aceitara o combate para não parecer fraco, jamais venceria o tigre e seus amigos graúdos. Sua esposa sugeriu:

- Por que não convida teus amigos menores? Vai à casa de todos eles e reúne quantos conseguir.

---

<sup>1</sup> Doutoranda em Antropologia Social no Museu Nacional/Universidade Federal do Rio de Janeiro. E-mail: [lilalautrec@gmail.com](mailto:lilalautrec@gmail.com).

Na manhã seguinte, o macaco visitou casa a casa: abelhas, mosquitos, marimbondos... Todos aceitaram prontamente. Ele os instruiu a se reunirem pouco antes do horário e aguardarem seu chamado entre as árvores.

Lá de cima, o tigre surgiu com seus parceiros: a onça, o leão, o elefante... Notou que o macaco caminhava sozinho em sua direção. Tratando-se de um adversário frágil, decidiu enfrentá-lo sozinho e dispensou os amigos. Já posicionado de frente para o tigre, o macaco acenou para os companheiros, que vieram direto picar o inimigo com seus ferrões.

O tigre não resistiu. O macaco venceu a luta.

Augusto me contou esse mito algumas vezes. Infelizmente, não o possuo registrado em sua voz. Evidente que minha versão não faz justiça nem à sua oratória, nem ao seu fantástico senso de humor. Decidi contá-la, no entanto, pela capacidade de sintetizar a visão desse grande líder kaingang sobre as relações sociais. Neste rascunho, toco a figura do conselheiro entre parentes, aldeias e cidades; a liderança na coletivização dos Kaingang perante o Estado; e algumas de suas impressões sobre tempo e memória. O ponto de partida são alguns episódios do nosso convívio, ao longo do meu trabalho de campo na comunidade kaingang de Iraí, na região do Alto Uruguai, entre 2013 e 2014. Gostaria de apresentar uma reflexão melhor estruturada. Contudo, minha posição atual, ainda em campo, e a proximidade do falecimento desse grande amigo não me permitem, por ora, enxergar sob um prisma mais amplo.



Augusto Ópê, conselheiro *kajru*, dirige-se ao noivo (casamento na T. I. Iraí/RS, 16/03/13).  
Foto: Marília Lourenço.

Em nossa última conversa à beira do fogo, Augusto se lembrou de quando era pequeno e ouvia as narrativas dos mais velhos, antes de dormir. A condição dada às crianças era se deitarem na esteira e fecharem os olhos. Explicou que é assim o modo *kaingang* de ensinar. Naquele tempo, já havia as marcas *kamé* e *kajru* e, portanto, o respeito ao *jamré*<sup>2</sup>. Havia também a discriminação. Nas conversas noturnas, os antigos estimulavam o amor próprio e o orgulho de ser *kanhgág* (índio) em seus pequenos. A tradução de memória em *kaingang* é *ãkren*<sup>3</sup>. Trata-se de um termo complexo, pois designa tanto o repertório das lembranças quanto o ato de compô-las. Em Iraí, traduz-se também como pensamento, ou pensar. De acordo com Augusto:

*Ãkren* é o jeito de nós pensar. *Ãkren* tem vários sentidos. *Ãkren* quando você lembra o passado, o

<sup>2</sup> Cunhado, genro. Termo de tratamento aplicável a todos da outra metade exogâmica.

<sup>3</sup> Reproduzo a grafia ensinada pelos professores de Iraí. Eles adotaram a padronização do dicionário bilíngue (WIESEMANN, 2011), com algumas diferenças dialetais.

presente e também pensar no futuro. *Ãkren* quer dizer um pensamento. Então, *ãkren* é um pensamento em vários sentidos. Pra fazer alguma coisa, você tem que pensar – você tem que ver, pensar, olhar. E o *ãkren* é muito diferente do que o não índio pensa, pensamento diferente. Pensamento do índio é mais ligado, pensamento mais, assim, da natureza, da vida. Daí, a palavra *ãkren*, ela tem um significado muito importante... Ela puxa muito, muitas coisas. Pensar às vezes do amigo, de um parente, de um *jamré*, que é cunhado. Pensar dos parentes que já morreram, né... Então, ela é ligado tudo nisso, a palavra *ãkren*. *Ãkren* também é pensado a vida, que que é vida pra nós? A vida, pra nós, é quando você tem um espaço, quando você tem a natureza livre, quando você tem floresta, animais, pássaros, rios, lagos... E a vida é ligado a isso, *ãkren* é ligado a isso. *Ãkren* é o pensar [...] Então, a vida pra nós é, como eu falei, a vida pra nós é nós ter a cultura. E pra ter a cultura precisa de espaço, precisa de todos que eu falei, né, a natureza, tudo, os animais, os pássaros cantando ao redor de nós. Isso é vida para nós Kaingang. Sem destruição. As madeiras que estão se sumindo hoje pelo sistema capitalista, pelas madeireiras, né; tem árvores que a gente também pensa, lembra daquelas árvores que não existem mais. Mas está na nossa memória. Inclusive, nós botamos até o nome das árvores, nome das árvores que está sendo extinto, já, no nome dos nossos filhos. Até os animais, que estão se desaparecendo cada vez mais, nós estamos botando nome nos nossos filhos, o nome dos animais que não existem mais, pra ficar na memória, né, que existia muitos animais. Então, isso... O pensamento do não índio não fecha com nosso pensamento – o nosso ser, as nossas ideias. Quando se fala de vida, estamos falando de povo, de origens, a vida... De uma origem que é os povos originários da terra. O não índio já pensa diferente, ele tem uma visão só: reto, né? Nós temos uma visão mais, assim, para não fazer as coisas errado, né, para não acontecer na caminhada, na nossa caminhada, a nossa luta acontecer problemas com as nossas gerações, com a nossa origem como uma nação diferente. Então, nós olha para os lados, para os dois lados, para a direita e a esquerda. E olha pra trás e pra frente – depois é pra frente. O não índio já pensa mais pra frente, né? Nós temos quatro visão. Os dois lados... Atrás é o passado, que, pra nós, ela tá viva, ela não morreu. Ela permanece viva, o passado. Então, por isso que nós busca aquele que está atrás e traz para o presente. E o futuro, as gerações, esse jeito de vida, as gerações vão

levando... Os futuros, né? Eu, já com 58 anos, eu sei que um dia eu não vou mais existir, mas meus filhos, meus netos, vão estar preocupados pela vida. Porque se nós não se preocupar pela vida, pela cultura, pela língua que nós falamos, aí já é... É o fim. É o fim pra nós, se nós perder a cultura. Se nós perder nossa língua materna, principalmente, a cultura, os rituais dos pajés, dos *kujá*. Se terminar isso é fim da vida pra nós (SILVA, 2013, n.p.).

Depreende-se dessas palavras que *ãkren* é um conceito multidimensional, por ser ligado aos sentidos do corpo, do espaço e do tempo. Outro aspecto que gostaria de ressaltar é seu vínculo com a ação – “Pra fazer alguma coisa, você tem que pensar”. Augusto era conhecido por sua habilidade em planejar as ações do movimento político kaingang, avaliar suas repercussões, elaborar estratégias de avanço e também de recuo, se necessário. Quando contava sobre ocupações de terra, reuniões em Brasília, bloqueios de rodovias federais, entre outros combates os quais orquestrou, a narrativa era semelhante à do mito sobre o tigre e o macaco. Sua ênfase recaía sobre a assimetria de força entre os índios e o Estado, superada pela organização dos menores. Era constante sua preocupação com os limites da vida e a necessidade de nos fortalecermos através da troca: seja com parentes próximos ou distantes, mais velhos ou mais novos; povos não indígenas; e não humanos, como o mato, a terra, os animais, Deus... Como o macaco, Augusto surpreendia o oponente com a organização de seus guerreiros.



Palestra em evento sobre sustentabilidade (T. I. Iraí/RS, 28/04/13).  
Foto: Marília Lourenço.

Lembrava com gosto de alguns episódios, como a ocupação bem-sucedida do Ministério da Saúde com apenas 80 Kaingang, após uma tentativa fracassada de outro povo com mais de 500 pessoas – o elemento surpresa fora o posicionamento das Lideranças, que ao ouvir seu comando na língua materna, cercaram as portas da instituição. Outras ocasiões memoráveis: quando obrigou funcionários do Instituto Nacional de Colonização e Reforma Agrária (Incra) a reconhecerem por escrito a disponibilidade de terras para o reassentamento dos agricultores que vivem sobre Terras Indígenas demarcadas, no Rio Grande do Sul; quando deputados evangélicos presentes na comemoração do Dia do Índio, em Iraí, se viram assinando uma moção contra a Proposta de Emenda Constitucional 215; quando um sindicato de trabalhadores de frigoríficos reconheceu o racismo institucional das empresas contra os trabalhadores indígenas... Vale sublinhar que sua ação, embora certa, era pautada pela sutileza. Augusto não era

vitorioso por coagir, mas por convencer. Parte da graça em vencer uma luta, me parece, era o sucesso em induzir os adversários a reconhecer o valor de suas estratégias.

A delicadeza de suas expressões era notável. Em novembro de 2013, ele realizou sua última viagem para a autodemarcação de uma área kaingang, na aldeia Rio dos Índios<sup>4</sup>. Eu me encontrava em trabalho de campo durante o planejamento da retomada. Augusto e outros líderes pediram aos colaboradores não indígenas para elaborar um comunicado à imprensa, divulgando a pauta do movimento e convocando as famílias dos pequenos agricultores a se unirem aos Kaingang na luta pela terra. No documento, citamos o direito à indenização de cada família deslocada da área indígena. Augusto sugeriu que trocássemos por “reassentamento”. Confesso que demorei um pouco para entender a diferença. Ele explicou que não se tratava de dinheiro, mas de direitos e que os colonos também têm suas crianças; o acesso à terra não deveria, portanto, ser subsumido pela compra de suas benfeitorias em território indígena. Ele sempre corrigia os que apontavam a “invisibilidade” dos povos indígenas: “Não, nós não somos invisíveis, nós somos malvistas; é isso que tem que mudar”<sup>5</sup>. E também os que citavam a “presença indígena”: “Bem, a luta não é de agora, ela não é de 40 nem de 100 anos, mas ela tem mais de cinco séculos (...) Quando a pessoa fala ‘a presença do índio’, isso nos mexe, nos choca, porque nós somos legítimos brasileiros” (UNIFRA, 2012, n.p.). Uma de suas palavras favoritas era “estrategar” – note-se a transformação do que nós, não índios, utilizamos como substantivo, em um verbo. Essas pequenas torções na língua do tigre evidenciavam sua forma de se relacionar. Arrisco dizer que o segredo desse guerreiro era o encantamento do oponente.

Como uma fórmula mágica, o poder de *ākren* reside nesse contato. Pensar, planejar, ver, ouvir o Outro. Se, por um lado, é

---

<sup>4</sup> Rio dos Índios é uma Terra Indígena vizinha a Iraí, cujo processo de demarcação foi concluído em 2004 sem o reassentamento das famílias de agricultores pelo Incra. Situada em região de intenso conflito fundiário, a comunidade atravessa um período delicado. À medida que seu movimento pela retomada se amplia, os proprietários de empreendimentos de turismo, como o balneário construído sobre parte da terra demarcada, voltam a opinião pública da cidade contra os índios e fomentam a violência. Em novembro deste ano, um professor kaingang de 22 anos foi assassinado na comunidade.

<sup>5</sup> Todas as citações do texto pertencem a Augusto Ópê da Silva. Aquelas sem referência entre parênteses foram extraídas de meus diários de campo.

capacidade disponível a todas as pessoas, por outro, evoca a particularidade das experiências:

O *ãkren* nasce, muitas vezes, através da história. Os pais conta muita história pros filhos, então ali que nasce o *ãkren*, começa a pensar, daí, começa a ter mais pensamentos positivos de forma da sua cultura. E tem muitas vezes que os *kujá* [xamã], né, eles dão remédio. Pra mim, primeiro casal que me adotou, quando minha mãe morreu que nem cheguei conhecer minha mãe, eu tinha um ano e meio, menos, eu nem cheguei a conhecer ela. Mas o primeiro casal que me pegou foi um casal de bem velhinhos. E foi crescendo... Eu me lembro um pouco que a minha mãe adotiva me carregava no ombro e o meu pai adotivo, ele carregava o arco e flecha e caçava passarinho quando tinha bastante mato. E um dia ele caçou um passarinho chamada *jêsâgpã'i*, que ele é chefe dos pássaros. Onde ele tá, tá tudo rodeado perto dele, muitos pássaros cantando em roda dele. E ele também canta. Ele chama. Aí, um dia desse, o pai adotivo caçou um desses passarinho e a mãe adotiva assou pra mim e me deu o miolo da cabeça do passarinho pra mim, pra ser um sabedor, uma liderança, ter pensamentos positivos. Então, me deram muito remédio, me deram até umas folhas. Na caminhada, assim, na floresta, o meu pai adotivo, que estava na frente, pegava umas folhas de uma árvore, esfregava com a mão, fazia uma bolinha e botava dentro da minha boca. "Mastiga e engole", ele dizia. Daí, a mãe dizia "Não dá remédio ruim pro meu filho, senão ele vai ser muito agressivo e muito violento". Ele dizia "Não, não é esses remédio que eu tô dando, eu tô dando esse remédio pra ele ser um bom pensador", ele dizia (SILVA, 2013, n.p.).

Como o chefe dos pássaros, Augusto acumulou famílias, aldeias, aliadoshumanos e extra-humanos. Cercado por essa aglomeração, lutou contra as injustiças históricas e as violências cotidianas contra as minorias. Seu nome, Ópê, é fruto dessa luta: ameaçado de morte, se refugiou em Santa Catarina, onde um *kujá* (xamã) o nomeou Gafanhoto, para despistar os inimigos. Certa vez, indaguei como um *kajrukré* se

defendia em situações de conflito, considerando a fragilidade física herdada dos animais pequenos. “*A gente põe os kamé na frente*”<sup>6</sup>.

As nossas leis originárias são ligadas às marcas. Quando uma Liderança é *kamé* tem que ter um *kajru* junto, essa é a organização social. Porque tem que ser os *jamré*, né, pra executar os problemas que acontecem nos *kajru*, né, quem toma as providências são a Liderança *kajru*. E os *kamé*, quando tem problema, os *kamé* que arrumam. Que na nossa cultura, não podemos botar a mão no... O *kajru* não pode botar a mão no *kamé*, nem o *kamé* num *kajru* (...) E o casamento é pelas marcas contrárias, *kamé* com *kajru*. Então, por isso que não pode bater no seu *jamré*, não pode bater no seu *kakré* [sogro]. Pra nós é crime isso, bater num cunhado (SILVA, 2013, n.p.).

Sua menção à força reparadora dos *kamé* leva a outro ângulo que eu gostaria de realçar no conceito de *ākren*: A dificuldade em equilibrar sua intensidade. Em Iraí, uma de suas traduções é saudade ou tristeza. Doenças com frequência são explicadas pela separação das pessoas, seja ela causada pelo divórcio ou pela morte. O tema do adoecimento pela proximidade dos mortos é célebre nas etnografias sobre os Kaingang<sup>7</sup>. Lembrar-se de um parente falecido em situações pontuais pode ser positivo; eles aconselham em sonhos (LOURENÇO, 2014). Mas, quando se trata de saudade, como encontrar a medida? Os mortos aparecem porque seu corpo, seu jeito, está impresso no *jukre*<sup>8</sup>. Eles são como o vento, mas se transformam no que um dia conhecemos, usam inclusive as mesmas roupas (LOURENÇO, 2014).

Durante o luto, os *jamré* distraem a família com visitas regadas a chimarrão, frutas e riso. Diante da tristeza, afirmam a vida. Note-se que os depoimentos das Lideranças kaingang, publicados nesta edição, voltam-se para as novas gerações, como o próprio Augusto gostava de fazer. Questões como a ampliação dos territórios conquistados e a

<sup>6</sup> Sobre o diferencial de vulnerabilidade entre corpos das marcas *kamé kajru* e sua relação com os nomes kaingang, consultar Crépeau (2005), Rosa (2005), Silva (2005), Coelho de Souza (2002), Veiga (1994) e Wieseemann (1960).

<sup>7</sup> Ver Rosa (2011), Lourenço (2011), Rosa (2005), Veiga (2000), Baldus (1979 [1937]) e Manizer (2006 [1930]), entre outros.

<sup>8</sup> Alguns Kaingang, como Augusto, utilizam o termo como sinônimo de *ākren*. Outros o traduzem como “memória” e o diferenciam de *ākren* (“pensar/se preocupar”, traduções de conotação negativa).

formação educacional da juventude tomam a cena na Iraí atual<sup>9</sup>. Essa agenda se deve, em larga medida, ao próprio Augusto, que, nos últimos anos, se dedicou à luta pelo ingresso indígena nas universidades públicas. Tornou-se coordenador da Comissão de Ações Afirmativas da Universidade Federal de Santa Maria e visitava, anualmente, todas as comunidades indígenas no Rio Grande do Sul para se reunir com jovens kaingang e guarani. Nos últimos meses, me disse algumas vezes que seus filhos estavam prontos, que ele já lhes havia ensinado tudo o que sabia; eles continuariam a luta.

Através da luta de todos esses movimentos indígenas, na história do Brasil, foi criado vários movimentos com a luta indígena. Na luta, nas retomadas... E hoje temos vários companheiros e queremos se juntar, se fortalecer cada vez mais. Que na história, os colonizadores, eles cortaram nossos galhos, cortaram nossos troncos, mas se esqueceram de arrancar nossas raízes. Aí, hoje, ela brota e brota cada vez mais forte (SILVA, 2013, n.p.).

---

<sup>9</sup> Para conhecer o movimento pela demarcação da Terra Indígena de Iraí, ver Iraí (1992) e Ebling (1985); para uma etnografia da comunidade, consultar Rosa (1998).



Visita à comunidade kaingang Kêgtÿjugtêgtÿ (Santa Maria/RS, 02/05/13).  
Foto: Marília Lourenço.

De guerreiro a conselheiro, Augusto percorreu o ciclo das idades kaingang, alcançando o prestígio merecido. Em sua morte, foi aclamado por um ritual digno de sua força. No dia em que nos conhecemos, ele me levou para conhecer Iraí e contou um pouco sobre a comunidade. Caminhamos lado a lado. Era evidente seu interesse em conquistar mais uma aliada. Quando o vi pela última vez, durante o funeral, éramos em muitos o seguindo até o cemitério, no fim da pista. A mesma pista do antigo aeroporto do município, que os brancos asfaltaram em represália ao movimento kaingang, antes da autodemarcação. A mesma onde começamos nossa amizade. Ocorre-me agora que, naquele momento, parecíamos um enxame.



Grupo de dança da comunidade de Iraí homenageia Augusto Ópê em seu funeral  
(T. I. Iraí/RS, 01/06/14).  
Foto: Marília Lourenço.

Reconhecido como um sábio nomeador na comunidade, a última nomeação de Augusto foi a de um neto, que nasceu dois dias após sua despedida: Thiago Augusto Ópê, chamado com carinho de *Ópêsí* – Gafanhotinho. É para ele e a juventude kaingang que dedico esse texto.

---

### Referências bibliográficas

BALDUS, Herbert. O culto aos mortos entre os Kaingang de Palmas. In: **Ensaios de etnologia brasileira**. São Paulo: Nacional, 1979 [1937]. p. 08-33.

COELHO DE SOUZA, Marcela S. **O traço e o círculo**: o conceito de parentesco entre os Jê e seus antropólogos. 2002. 397 f. Tese (Doutorado em antropologia social) - Museu Nacional, UFRJ, [2002].

CRÉPEAU, Robert. Os Kamé vão sempre primeiro: dualismo social e reciprocidade entre os Kaingang. **Anuário Antropológico 2005**. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 2005.

EBLING, Paula E. **Relatório Antropológico de Identificação da Área Indígena de Iraí/RS**. Portarias 1798/E de 21/11/1984 e 1853 de 11/04/1985. Porto Alegre: FUNAI, 1985.

IRAÍ, **Terra Kaingang**. 1992. Direção: Rogério Rosa. DVD (56 min).

LOURENÇO, Marília S. **A presença dos antigos em tempos de conversão: etnografia dos Kaingang do oeste paulista**. 2011. 123 f. Dissertação (Mestrado em antropologia social). - Universidade Federal de São Carlos, [2011].

\_\_\_\_\_. **Diário de campo**, 2014.

MANIZER, Henry H. **Os Kaingang de São Paulo**. Campinas: Curt Nimuendajú, 2006 [1930].

ROSA, Patrícia. **Para deixar crescer e existir: sobre a produção de corpos e pessoas kaingang**. 2011. 186 f. Dissertação (Mestrado em Antropologia Social) - Universidade de Brasília, [2011].

ROSA, Rogério Reus Gonçalves da. **A Temporalidade Kaingang na Espiritualidade do Combate**. 1998. 186 f. Dissertação (Mestrado em Antropologia Social) – Universidade Federal do Rio Grande do Sul, [1998].

\_\_\_\_\_. **“Os Kujà São Diferentes”**: um estudo etnológico do complexo xamânico dos Kaingang da Terra Indígena Votouro. 2005. 416 f. Tese (Doutorado em Antropologia Social) – Universidade Federal do Rio Grande do Sul, [2005].

SILVA, A. O. 2013. **Depoimento** [out. 2013]. Entrevistadora: Lourenço, M. S. Museu Nacional, 2013. Arquivo mp3. Entrevista concedida ao projeto *Cristianismo e transformação kaingang*.

SILVA, Sergio Baptista. Nomes e performances: fabricando corpos Kaingang. In: SILVEIRA, Elaine; OLIVEIRA, Lizete Dias (Org.). **Etnoconhecimento e saúde dos povos indígenas do Rio Grande do Sul**. Canoas: ULBRA, 2005. p. 89-100.

UNIFRA online. **Contraponto**. 2012. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=Fd5SgIYmeYo>. Acesso em: 22 nov. 2014.

VEIGA, Juracilda. **Organização social e cosmovisão Kaingang: uma introdução ao parentesco, casamento e nomeação em uma sociedade Jê Meridional**. 1994. 217 f. Dissertação (Mestrado em Antropologia Social). Campinas: Universidade de Campinas, [1994].

\_\_\_\_\_. **Cosmologia e práticas rituais Kaingang**. 2000. 304 f. Tese (Doutorado em Antropologia Social) - Universidade de Campinas, [2000].

WIESEMANN, U. Semantic categories of “good” and “bad” in relation to kaingang personal names. **Revista do Museu Paulista**, v. 12, p. 177-184, 1960.

\_\_\_\_\_. **Kaingang-português**. Dicionário bilíngue. Curitiba: Editora Evangélica Esperança, 2011.

---